



LITERATURA, COMUNICAÇÃO E ARTES VISUAIS: A “Última Ceia” de Leonardo Da Vinci e seu Legado.¹

Taiane LIMA²

Nathan Nguangu KABUENGUE³

João MICUANSKI⁴

William Costa da SILVA⁵

Lívia LOPES BARBOSA⁶

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

A “Última Ceia” é um afresco pintado pelo artista italiano Leonardo Da Vinci (1452-1519), concluído em 1498. Ela encontra-se ainda hoje no refeitório do Convento de Santa Maria delle Grazie, em Milão e é apenas mais uma das obras misteriosas de Leonardo Da Vinci que excitam a imaginação em todo o mundo. Daremos ênfase ao caráter simbólico da obra e sua relação com os textos citados. Trazemos também um pouco da história de Da Vinci, que nos ajudará a compreender melhor a obra de arte em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Comunicação, Artes Visuais, Leonardo Da Vinci, Última Ceia, Bíblia Sagrada.

Pressupostos e Artes Visuais

As artes visuais no mundo somam mais de 30.000 anos, desde a pintura rupestre até as belíssimas arquiteturas contemporâneas. Em todo esse tempo, as artes passaram por períodos considerados decadentes – como no período Românico, com a baixa qualidade técnica – e por períodos gloriosos, como, por exemplo, o Renascentista.

O Renascimento foi um movimento surgido na Europa e sua denominação está relacionada às reformas artísticas e científicas do continente por volta dos séculos XV e XVI. Houve, nesse período, expressiva valorização do homem e da razão humana (o antropocentrismo), favorecida pela expansão do comércio europeu, principalmente da

¹ Trabalho apresentado no IJ 06 – Interfaces Comunicacionais do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2014.

² Acadêmica do curso de Comunicação Social: Jornalismo, da UFPA, e-mail: taianelima92@gmail.com

³ Acadêmico do 5º semestre do curso de Comunicação Social: Jornalismo, da UFPA, e-mail: nathanguangu@hotmail.com

⁴ Acadêmico do curso de Comunicação Social: Jornalismo, da UFPA, e-mail: joamicuanski@hotmail.com

⁵ Acadêmico do 5º semestre do curso de Comunicação Social: Jornalismo, da UFPA, e-mail: contato.wcosta@gmail.com

⁶ Professora doutora da Faculdade de Comunicação da UFPA, e docente da disciplina Literatura e Comunicação. liviabarbosa.com@gmail.com



Itália com o Oriente. Assim, o acúmulo financeiro concentrado pela nobreza e pelo próprio clero fez aumentar os investimentos em ciência e arte. Uma das obras mais consagradas desse período é a “Última Ceia” (1495), do artista italiano Leonardo Da Vinci, sobre a qual nos debruçaremos neste breve estudo.

Da Vinci, a “última ceia” e seu contexto bíblico

A última ceia de Cristo com seus discípulos, uma das passagens mais importantes da Bíblia Sagrada, ganhou e ganha até os dias de hoje representações de vários artistas no mundo. Porém, a obra de Da Vinci tornou-se uma das mais célebres por ser carregada de peculiaridades do ponto de vista artístico, ideológico e principalmente simbólico.

Leonardo Da Vinci, além de artista plástico, era arquiteto, inventor, engenheiro e matemático. Levou seu amor pela razão e pela exatidão dos cálculos até suas obras de arte: o gosto pelo detalhe, a técnica da perspectiva, as figuras principais centralizadas, as paisagens de fundo. Assim ele nos fala, por exemplo, das cinco partes em que se deve dividir a pintura (o quadro)

As partes da pintura são cinco, ou seja, superfície, forma, cor, sombra e luz, proximidade e remoção, ou acréscimo e diminuição, que são as duas perspectivas, como na diminuição da quantidade e da diminuição das informações das coisas vistas de longa distância, e o das cores: qual cor é a que primeiro diminui em distâncias iguais e a que mais mantém (DA VINCI, s.d., p. 65, Trad. Livia Barbosa, orientadora deste artigo).

Os temas religiosos eram igualmente constantes em seus trabalhos, frequentemente traduzidos por certo clima de mistério, com a presença de simbologia (também marca de Da Vinci), sobre a qual discutiremos mais à frente.

A “Última Ceia” começou a ser elaborada em 1495, pintada na forma tradicional de um afresco (com pigmentos misturados com gema de ovo ao reboco úmido), havendo o pintor testado uma nova técnica que incluía um veículo de óleo ou verniz, com predominância da têmpera. A inovação acabou sendo responsável pela deterioração da obra, o que não minimizou sua importância.

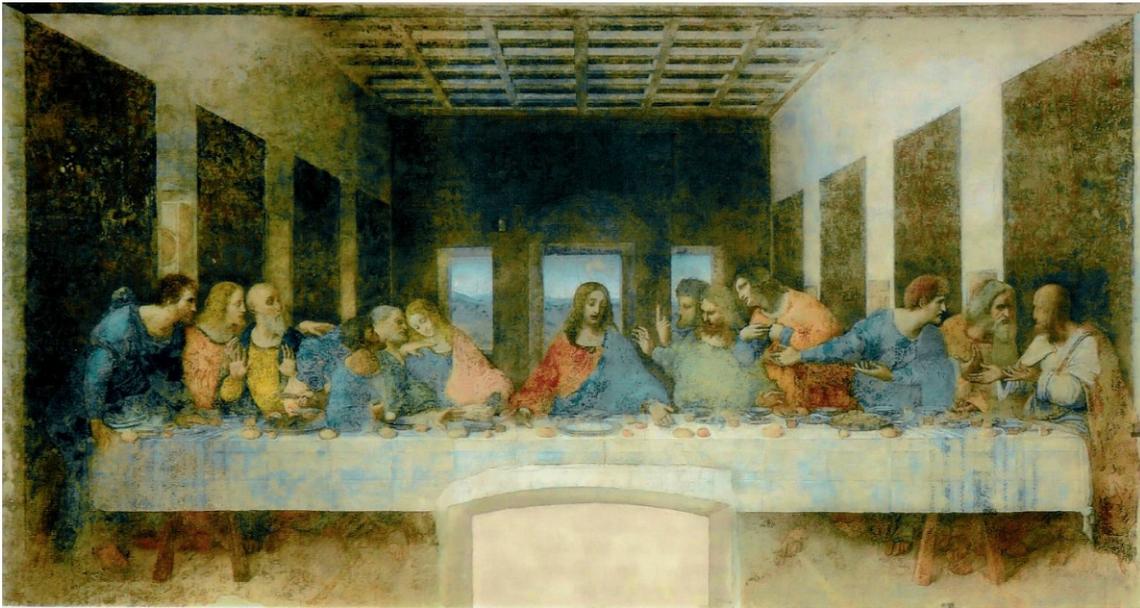
A “Última Ceia” de Da Vinci, como qualquer outra obra referente ao assunto, é intertextualizada e, portanto, sujeita a múltiplas interpretações. Isso porque os relatos



presentes na Bíblia são contados pelos quatro evangelistas – Mateus, Marcos, Lucas e João, cada um ao seu modo. As características físicas do local onde foi realizada a ceia, por exemplo, são relatadas apenas por Marcos e Lucas: “Ele vos mostrará no andar superior uma grande sala mobiliada e ali fazei os preparativos” (Lucas 22,12). “E Ele vos mostrará uma grande sala no andar superior, mobiliada e pronta. Fazei ali os preparativos” (Marcos 14,15). Por outro lado, são os discípulos Mateus e Marcos os únicos a revelarem que o evento ocorreu próximo ao fim da tarde. Dessa maneira, o mesmo acontecimento foi recontado de quatro maneiras distintas, enfatizando alguns fatos e ignorando outros. Portanto, a falta de informações sobre o espaço físico da Ceia fez com que Da Vinci pudesse acrescentar elementos que reforçassem o sentido e a estética do afresco. Não se pode deixar de salientar que no campo das artes visuais a imaginação e a liberdade artística são duas grandes virtudes. Apesar do amor à minúcia e à representação o mais próxima possível da natureza, a reprodução fiel é, particularmente nesse caso, impossível. Isso nos leva a afirmar que, ao reproduzir um fato ou uma forma, seja qual for o modo de fazê-lo (por meio oral, plástico ou por escrito), dificilmente se logrará ser fiel a ele como um todo. Intencionalmente ou não, algo será alterado ou mesmo criado de acordo com a percepção daquele que informa. Reproduzir é, portanto, e literalmente, produzir de novo, recriar, oferecer uma versão.

Para iniciar a interpretação de uma obra de arte é bom que se saiba as razões que deram origem à sua existência. Segundo o livro “*Mestres da Pintura: Leonardo Da Vinci*” (THOMAS & THOMAS, 1977), a “Última Ceia” foi encomendada pelo duque Lodovico Sforza, para quem Da Vinci trabalhou por cerca de 20 anos. Naquele período, era comum que obras de arte fossem encomendadas pela nobreza e doadas por ela às igrejas católicas. Portanto, podemos partir do ponto de vista de que Da Vinci criou a “Última Ceia” não por um ato veemente de fé, mas porque aquilo lhe havia sido encomendado em troca de valores financeiros. Isso, no entanto, não traduz um ceticismo absoluto do pintor. Ainda segundo o mesmo livro, o artista simpatizava com a doutrina de Jesus Cristo e procurava imitá-lo no que diz respeito à sujeição às humilhações e à compaixão pelos inimigos. Mas é verdade que Da Vinci não seguia os preceitos católicos.

Figura 1 – The Last Supper (1495-1498) de Leonardo da Vinci



Fonte: Divulgação/Google <www.google.com>

“A Última Ceia” e seu legado

Outro ponto que nos auxilia na leitura da obra é entender o período histórico no qual ela surgiu. O Renascimento foi um movimento cultural e científico importante porque ajudou no rompimento com a Idade Média trazendo à tona a valorização do Humanismo e do Naturalismo e desencadeando um estremecimento nas relações de poder estabelecidas no período feudal. Para muitos estudiosos da atualidade, Da Vinci, ao mesmo tempo em que prestava serviços à nobreza, utilizava-se de suas ferramentas artísticas e intelectuais para expor ideias particulares. Dessa corrente surgiu, séculos depois da criação da “Última Ceia” do pintor florentino, um dos maiores *best sellers* da história da literatura: “*O Código Da Vinci*” (2003), de Dan Brown.

Obviamente, todas as teorias conspiratórias acerca do assunto são, ainda que bem elaboradas, hipóteses. Dan Brown fez de um suposto código deixado por Leonardo Da Vinci em seus trabalhos, o pilar temático de um de seus livros. O escritor americano iniciou sua trama contando um pouco das polêmicas acerca da relação do pintor com a Igreja Católica:

Da Vinci sempre havia sido um tema espinhoso para os historiadores, principalmente na tradição católica [...] Aceitando centenas de encomendas lucrativas do Vaticano, Da Vinci pintava temas cristãos não como expressão de suas próprias crenças, mas como atividade comercial [...] Até mesmo a



produção de estupendas obras de arte cristã de Da Vinci apenas aumentava a reputação do artista de ser um hipócrita do ponto de vista espiritual. [...] Em muitas de suas pinturas de Cristo incluiu simbolismos ocultos que estavam longe de ser cristãos - tributos a suas próprias crenças e demonstrações sutis de seu desprezo pela igreja. (BROWN: 2003, p.40)

Na trama, Dan Brown trabalha com a hipótese de esses atritos entre Da Vinci e a Igreja Católica serem verdadeiros. É preciso, antes de tudo, levar em conta alguns detalhes. Primeiramente, a enorme admiração do pintor pela Ciência nunca fora segredo e, portanto, já era de se esperar que ele não fosse um religioso. Como artista, simplesmente executava uma encomenda. Outro ponto considerável é que, se a Igreja Católica realmente chegou a julgar absurdo o fato de Da Vinci confeccionar obras de temática cristã, sem crer nesses preceitos, mais absurdo seria o fato de a “Última Ceia” permanecer até os dias de hoje no Convento de Santa Maria delle Grazie – um patrimônio da Igreja Católica. Não se pretende, neste texto, refutar as teorias levantadas na obra de Dan Brown, mas tenta-se traçar um paralelo entre o livro, a pintura em questão e trechos da Bíblia que correspondam ao assunto.

As obras da vincianas sempre foram reconhecidas por três aspectos marcantes: O Espaço, do ponto de vista geométrico, a Estética e o Conteúdo Informativo. Quanto ao espaço, na “Última Ceia” a localização centralizada e o delineamento meticuloso da figura de Jesus Cristo são bons exemplos. De acordo com Ângelo Guido – autor do livro “*Símbolos e mitos na pintura de Da Vinci*”, “Ao pintar a figura de Jesus na Ceia, Leonardo teve em mente a forma humana do Salvador [...] Deste modo, [...] se tornaria a perfeita adequação entre o Ser e a qualidade da forma que o expressa ou o torna presente em sua pura e imutável natureza espiritual. (GUIDO: 1969, p.13)

A preocupação estética do pintor se nota quando, de acordo com o livro *Mestres da Pintura: Leonardo Da Vinci* (THOMAS & THOMAS, p. 13, 1977), o artista, embora se concentre na técnica da perspectiva e da luz, “mostrou a possibilidade de se transpor para a tela um grande vigor emocional”. Ainda segundo o livro, a presença da paisagem que compõe o fundo da tela é muito mais que ornamental. As janelas no terceiro plano permitem a entrada da luz na pintura e evidenciam a imagem de Jesus Cristo. A intertextualidade de que falamos anteriormente refere-se, também, à linguagem imagética, que, no dizer de Baitello Jr., tem caráter iconofágico: uma imagem que “devora” outra ao remeter-se a ela, algumas vezes na perspectiva em abismo (*en abyme*) – a luz que evidencia a imagem de Cristo é não apenas o fenômeno

ótico-físico, mas é igualmente a luz da perfeição, da santidade, em oposição às trevas (demoníacas, imperfeitas) remetendo a outros quadros e a outros textos de natureza semelhante. Complementa Baitello Jr.: “Assim, o mundo das imagens iconofágicas possui uma dimensão abismal. Por trás de uma imagem haverá sempre uma outra imagem que também remeterá a outras imagens.” (BAITELLO JR.: 2000, p. 3)

No entanto, talvez o que mais chame a atenção seja o método escolhido por Da Vinci para transmitir uma informação através da pintura. O estilo arquitetônico do local da ceia; a parede esquerda mais escura e a direita, onde bate a luz, mais clara; as cores das roupas dos personagens; as expressões nos rostos dos apóstolos e de Jesus; a postura deles; tudo contribui para a formação de uma ideia particular do artista sobre como ocorreu essa passagem bíblica. A propósito, embora a Bíblia traga poucas informações sobre o cenário da “Santa Ceia”, alguns detalhes foram fundamentais para a construção da tela. O tema de maior discussão sobre a pintura é a suposta presença de uma mulher entre os discípulos. Tudo pode ter surgido da própria Bíblia:

Um dos discípulos, a quem Jesus amava, estava à mesa reclinado ao peito de Jesus. Simão Pedro acenou-lhe para dizer-lhe: ‘Dize-nos de quem é que ele fala’. Reclinando-se este mesmo discípulo sobre o peito de Jesus, interrogou-o: ‘Senhor, quem é?’ Jesus respondeu: ‘É aquele a quem eu der o pão embebido’. (João, 13, 23-27.)

Assim, o próprio texto bíblico não revela o nome dessa pessoa e cria uma expectativa não preenchida sobre quem seria o discípulo amado por Jesus. Na “Última Ceia”, há uma figura com traços femininos localizada ao lado esquerdo de Jesus e ela poderia representar tal discípulo. Desvendar o motivo pelo qual Leonardo retratou esse personagem é o desejo de muitos historiadores, curiosos e amantes das artes visuais. Dan Brown, em “O Código Da Vinci”, explora essa teoria e a envolve em uma trama complexa sobre a possibilidade de essa mulher ser a esposa de Jesus Cristo.

A mulher de quem se fala seria Maria Madalena. Segundo o livro, há registros históricos sobre a vida matrimonial deles e o fato de a própria Bíblia citar que havia um discípulo a quem Jesus amava, reforça a teoria. Isto porque, se Jesus escolheu 12 apóstolos para segui-lo, seria normal que amasse a todos com a mesma intensidade e só seria compreensível que ele tivesse mais afeto por um deles caso ele fosse mais que um seguidor. Da Vinci provavelmente sabia dessa história e quis envolvê-la em sua arte.



O texto de Dan Brown (2003) levanta também outras histórias que não condizem com as contadas na Bíblia Sagrada, como a de que Jesus teria confiado a Maria Madalena e não a Pedro a função de coordenar sua Igreja e isso o teria deixado com ciúmes. De fato, a pintura mostra um dos apóstolos aparentemente irado com o personagem que se assemelha a uma mulher. Outra curiosidade é que, em meio aos vários gestos dos apóstolos, aparece uma mão sobre a mesa, apontando para Pedro, portando uma espécie de faca. Não se pode identificar de quem seria esse braço. O livro de Brown (2003) faz outra grande conjetura: a de que Jesus teria tido filhos.

Enfim, a teoria escolhida por Dan Brown (2003) em seu livro é a de que Da Vinci era absolutamente feminista e ousado ao pintar para a Igreja algo com teor tão crítico. O mistério sempre presente em suas obras é, talvez, um dos grandes segredos de seu sucesso, não desmerecendo, porém, sua técnica apurada. Por esse motivo, interpretar uma obra de Leonardo Da Vinci é vencer as barreiras limitadas ao senso comum e penetrar no quadro trabalhando com todas as possibilidades.

Estudiosos das obras de Da Vinci, estão sempre preocupados com um termo bastante comum: **Simbologia**. De acordo com o *Dicionário Aurélio*, **Símbolo** é: 1. O que representa ou substitui outra coisa. 2. O que evoca, representa ou substitui algo abstrato ou ausente. 3. Insígnia. Portanto, é possível afirmar que as obras da vincianas são repletas de conotações. O que acontece é que muitas vezes a avidez de desvendar um mistério, de descobrir o que há por trás de algo aparentemente insignificante; impede-nos de entender que há coisas que não necessitam ser descobertas porque seu significado encerra-se nela mesma. A obstinação por descobrir a chave de um mistério afasta a possibilidade de não haver mistério algum.

Isso não quer dizer que seja o caso da “Última Ceia”, mas é preciso refletir sobre a pluralidade das interpretações originadas desta mesma peça, pois os símbolos nela existentes são subjetivos e obedecem a critérios que vão desde a vontade de que a verdade seja aquela já esperada até ao juízo de valor que se tem sobre determinados assuntos. Afinal, a conceituação de um símbolo é arbitrária em todos os sentidos da palavra (tanto pela liberdade em se definir um sentido para o símbolo, quanto pelo aspecto subjetivo desse ato).

A interpretação de uma obra de arte é como descreve Foucault:



Por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aqueles que as sucessões da sintaxe definem. (FOUCAULT: 1999, p.12)

A perspectiva peirciana sobre a percepção acrescenta alguns elementos à visão foucaultiana. Para Peirce,

[...] a percepção envolve também elementos não cognitivos, assim como envolve elementos inconscientes. A bem da verdade, a maior parte do processo perceptivo está irremediavelmente fora do nosso controle. Só alcançamos controle sobre a percepção no momento em que o percepto é interpretado. [...] O processo interno, entretanto, anterior ao ato interpretativo, não pode ser objeto de experimentação, visto que está sujeito a vicissitudes sobre as quais não temos domínio consciente. (SANTAELLA: 1998, p. 17)

Tal colocação de Peirce parece comprometer definitivamente a “objetividade” da interpretação, uma vez que esses elementos inconscientes estão na base do próprio ato interpretativo.

O maior ponto de partida para a realização de a “Última Ceia” certamente foi a Bíblia. Ainda que ela não comunique com clareza alguns aspectos físicos do local, Da Vinci pôde imaginá-los e concretizá-los pictoricamente, preenchendo as “lacunas”. O mesmo ocorre quando interpretamos o afresco do pintor. Ainda que nos faltem elementos que completem a insinuação de uma ideia, nós criamos hipóteses para que ela se materialize, pois a comunicação na arte visual perpassa a dedução, a capacidade de imaginar algo implícito. Obras muito “expostas” são arriscadas e podem ser consideradas sem conteúdo, ainda que isso pareça contraditório, já que aquela que tem mais elementos deveria ser a mais completa. Uma boa obra de arte deve seduzir o pensamento sem responder de imediato a todas as suas perguntas, para que suas descobertas sejam feitas aos poucos, provocando fascínio naquele que a contempla.

Adentrando um pouco mais no ramo da comunicação, a obra da vinciana tem também sido retomada, na contemporaneidade, por meio de paródias e versões para campanhas publicitárias, em especial de filmes e séries de televisão. Devido à natureza religiosa do quadro, as versões realizadas trouxeram uma receptividade polêmica por membros de grupos religiosos. Em 2005, a empresa de jogos de *poker online* Paddypower.com realizou uma montagem da última ceia em que Jesus é mostrado ao centro de seus apóstolos, em uma mesa com roletas de aposta e fichas de *poker*. A peça utilizava como *slogan* “Existe um lugar para diversão e jogos”, porém, após várias reclamações formais, a empresa retirou os *outdoors* localizados em Dublin, Irlanda e em

seu lugar colocaram uma imagem toda preta com uma alteração de seu *slogan*: “Existe um lugar para diversão e jogos. Aparentemente esse não é o lugar”.

Figura 2 – Last Supper - The Rules Of Playing Poker Game



Fonte: Divulgação/Google <www.google.com>

Também em 2005, a empresa internacional de roupas *Marithé + François Girbaud* utilizaram como peça publicitária uma versão da última ceia que consistia na utilização de mulheres no lugar de Jesus e seus apóstolos, com a exceção de João, que ficaria de costas na publicidade. O anúncio inicialmente gerou polêmica na cidade de Milão, Itália, lar do mural de Da Vinci. A reclamação dava conta de que a publicidade ofendia a sensibilidade religiosa de todos os cidadãos e trivializava um momento de grande importância na Bíblia. A publicidade acabou sendo removida por um juiz francês, cidade onde se encontra a marca, por entender que a imagem era uma ofensa gratuita e agressiva por intromissão nas crenças mais profundas das pessoas. Com todas as polêmicas acerca das interpretações da obra de Da Vinci, o fato é que sua grandiosidade jamais passa despercebida no mundo contemporâneo.

Figura 3 - Last Supper In Advertising - Marithé & François Girbaud



Fonte: Divulgação/Google <www.google.com.br>

Conclusão

O que chama a atenção em a “Última Ceia” é, primeiramente, a leitura do artista sobre o assunto. Leonardo Da Vinci ultrapassa as informações fornecidas pela Bíblia e sugere elementos novos em consonância com ela, mostrando, principalmente, o clima de revelação da narrativa. Em “O Código Da Vinci”, Dan Brown também se aproveita da liberdade que a literatura lhe proporciona e trabalha muito bem as hipóteses que a ambiguidade da cena pintada permite. Assim, a Arte, a Comunicação e a Literatura mostram-se altamente flexíveis no intercâmbio de saberes que elas ensejam, bem como inclusivas, chamando para a “conversa” outros campos do conhecimento (tais como as ciências exatas e naturais, a geografia, a história), porque seu resultado não fecha numa só opinião nem incentiva proselitismos.

REFERÊNCIAS

BAITELLO JÚNIOR, Norval. *As imagens que nos devoram; Antropofagia e Iconofagia*. São Paulo: Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia, 2000.



BÍBLIA SAGRADA. Trad. Monges Beneditinos de Maredsous. São Paulo: Ave Maria; 2008.

BÍBLIA SAGRADA. Revista e Atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil; 2006.

BIBLIOTECA DIGITAL - UFSC Disponível em
<<http://www.bu.ufsc.br/ccsm/vancouver.html#lbiblia>> Acessado em 14 mar 2013.

BROWN, Dan. *O Código Da Vinci*. Trad. Celina Cavalcante Falck-Cook. São Paulo: Arqueiro, 2012.

CHRISTIAN POST. Disponível em <<http://www.christianpost.com/news/offensive-last-supper-fetish-ad-incites-uproar-29488/>> Acessado em 19 mar 2013.

CULTUREPOPPED. Disponível em
<<http://culturepopped.blogspot.com.br/2007/04/suddenly-last-supper.html>> Acessado em 19 mar 2013.

DA VINCI, Leonardo. *Trattato della Pittura*. [s.l.], circa 1508. Exemplar digital.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GUIDO, Ângelo. *Símbolos e mitos na pintura de Da Vinci*. Porto Alegre/RS: Livraria Sulina, 1969.

LAST SUPPERS BLOGSPOT. Disponível em
<http://lastsuppers.blogspot.com.br/2007_11_03_archive.html> Acessado em 15 mar 2013.

PADDYPOWER. Disponível em <<http://games.paddypower.com/>> Acessado em 15 mar 2013.

SANTAELLA, Lúcia. *A percepção; uma teoria semiótica*. 2. ed. São Paulo: Experimento, 1998.

SUA PESQUISA. Disponível em <<http://www.suapesquisa.com/renascimento/>> Acessado em 14 mar 2013.

THE INSPIRATION ROOM. Disponível em
<<http://theinspirationroom.com/daily/2007/last-supper-in-advertising/#.UVh1-xxQF8E>> Acessado em 19 mar 2013.

THOMAS, Henry e THOMAS, Danam Lee. *Vidas de Grandes Pintores*. Trad. Maria Eugênia Franco. 3. ed., São Paulo: Globo, 1953.

_____. *Mestres da pintura: Leonardo da Vinci*. São Paulo: Abril S.A Cultural e Industrial, 1977.